
PRÁTICAS LEITORAS E ESCRITORAS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DO DIGITAL¹

Tania Dauster*
Dione Amaral**

RESUMO

A chamada Revolução Digital vem desenvolvendo novas linguagens, estratégias e possibilidades, transformando radicalmente a história da escrita. É neste contexto que se insere a reflexão que propomos neste trabalho: verificar os usos, representações e práticas da escrita e da leitura, nos suportes digitais e papel (manuscritos e impressos), por parte de professores universitários. Serão abordadas questões como: Quais são as escritas destes professores? Quais os suportes utilizados? Como os professores vêm lidando com estas transformações? O que lêem e escrevem nos distintos suportes? Após análise dos relatos, observamos que a maioria dos entrevistados pratica a escrita à mão com regularidade e também faz uso da escrita digital nas suas atividades diárias como docente. Há, no entanto, diferenças quanto aos usos e funções de ambas as escritas. Notamos que para a comunicação rápida e objetiva, a escrita eletrônica, através dos e-mails, é um recurso amplamente utilizado. Para construções teóricas mais elaboradas, no entanto, como a construção de um artigo, por exemplo, os professores, em sua maioria, disseram utilizar-se de um rascunho prévio feito à mão. Por que isto ocorre? Trabalhamos com a hipótese de que isto se deve tanto à necessidade da aprendizagem de novas técnicas intelectuais para lidar com o novo suporte, quanto ao apego às práticas familiares e agradáveis, já interiorizadas, da escrita feita à mão.

Palavras-chaves: leitura, escrita, suporte digital.

INTRODUÇÃO

O que lêem e escrevem, de maneira manuscrita e na tela, os professores universitários?

Vivemos num mundo em constante mudança, onde os ritmos de vida aceleraram-se e novas tecnologias da escrita e recepção de textos trouxeram um novo significado para os atos de “ler” e “escrever”. Internet, correio eletrônico, páginas Web, hipertexto, estão introduzindo mudanças profundas e aceleradas na maneira de nos comunicarmos e recebermos informações. Novas escritas e novas leituras são incorporadas ao nosso cotidiano a partir da tecnologia dos computadores pessoais.

É neste contexto que surgem as indagações que pretendemos levar adiante neste estudo: O que lêem e escrevem os professores universitários? Quais são suas práticas de escrita a mão e de escrita eletrônica? Que significado dão a estes gestos? Como se relacionam com as antigas e novas tecnologias da leitura e da escrita?

Pensar as ações de ler e escrever não é, simplesmente, pensar no ato de codificação e decodificação da palavra escrita. Eles não se dão apenas pelo domínio alfabético. São, na verdade, cons-

¹Texto apresentado no "IV Seminário Internacional As Redes de conhecimentos e a tecnologia: práticas educativas, cotidiano e cultura", realizado na UERJ de 11 a 14 de junho de 2007.

*Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987); professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e membro de corpo editorial do Espaço (INES).

**Doutoranda em educação do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-RJ.

truções sociais, dotadas de sentido, vinculadas a determinadas épocas e determinadas circunstâncias históricas.

Nem sempre o estudo destas ações, no entanto, levou em consideração este caráter social. Segundo Viñao Frago (2001), até algum tempo atrás as abordagens tradicionais em relação à história da escrita eram duas: uma consistia em se considerar a paleografia como a arte de ler a escrita e os signos dos documentos antigos; a outra, relacionava-se à história e tipologia das diferentes escritas conhecidas. “Foi uma história descritiva, desgarrada dos contextos sociais nos quais era produzida e utilizada, e pouco atenta à variedade dos seus usos e funções”, diz o autor (id., p. 4).

Profundas transformações aconteceram nestes campos investigativos e hoje, a História Cultural, associada a vários nomes como de Roger Chartier, Viñao Frago, Castillo Gomes, Armando Petrucci, entre outros, procura dar conta, entre outras questões, dos usos e prática da cultura escrita. Trata-se de uma história social que busca levar em consideração aspectos históricos, sociológicos e antropológicos, visando uma melhor apreensão destes fenômenos.

Isto posto, voltamo-nos, particularmente, para a reflexão que pretendemos desenvolver aqui neste estudo.

O processo investigativo teve como linhas norteadoras além da história cultural, conceitos da Antropologia e procedimentos do método etnográfico, no qual se busca conhecer códigos, valores, significados, representações e práticas nos universos sociais estudados, a partir dos seus próprios termos e do seu modo de vida. Desta forma, o que se pretende é a apreensão da variabilidade histórica da figura do escritor/leitor e do ato de escrever/ler. Estudos desta natureza vêm buscando “não somente uma abordagem descritiva dos fenômenos sociais, mas também a sua captação no plano simbólico, cujo acesso se dá através destas práticas e representações, entendendo que as diferenças nestas resultam em significações específicas e singulares por parte dos diferentes grupos sociais envolvidos” (DAUSTER, 2001, p. 15). Em outras palavras, inspiradas em Roger Chartier, pretendemos desenvolver uma antropologia de situações de leitura e escrita na universidade estudada.

Trata-se, devemos dizer, de um esforço no sentido de observar e “estranhar” o familiar (VELHO, 1978), uma vez que o universo em questão nos é próximo e relativamente conhecido. De certo modo, fazemos parte do mundo dos entrevistados, compartilhando experiências e ansiedades e, algumas vezes, até gosto, valores e concepções.

Ao tentarmos entender esta variabilidade histórica e social do leitor/escritor, procuramos “desnaturalizar” os fenômenos. Com isto queremos dizer que as atitudes, os comportamentos, os gostos, a formação como leitor e escritor, a relação com leituras e escritas são fatos socialmente construídos e nada têm de “naturais”, uma vez que pertencem ao campo da cultura e das relações nas sociedades.

Deste modo, entendendo que ler e escrever são construções sociais e que cada época e cada circunstância histórica dão novos sentidos e significados a esses atos, é que pretendemos refletir aqui sobre as práticas de escrita e de leitura destes professores, a partir destes dois suportes: o papel e a tela.

Sabemos que o mundo digital vem introduzindo mudanças significativas nos modos de fixar e transmitir os discursos. São alterações que transformam, ao mesmo tempo, já disse Chartier (1998), as maneiras de ler e escrever, as relações entre as pessoas envolvidas com o mundo da escrita, assim como as estratégias intelectuais utilizadas na realização destas operações.

Nosso interesse é, portanto, verificar de que forma o grupo de professores, por nós entrevistado, vem lidando com estas transformações da escrita e da leitura, no seu fazer profissional, nas

suas atividades laborais como professor. Vale dizer que estas indagações nascem no âmbito de um programa de investigação sobre questões relativas à cultura do escrito e da leitura, associados à transmissão do conhecimento e de valores na universidade. Este programa de investigação está localizado em uma universidade particular, religiosa, situada na zona sul do Rio de Janeiro e que se destaca por sua cultura de ensino e pesquisa. Para contactar os professores a serem entrevistados, adotamos o processo de indicação em rede, isto é, cada professor apresenta o próximo, ressaltando que o contato inicial foi através da coordenadora da pesquisa.

As entrevistas seguirão a linha adotada por Queiroz (1998): elas são, por excelência, situações dialógicas e técnica de coleta de dados. Na perspectiva da busca de padrões sociais, elas representam tentativas de compreensão do social nos indivíduos.

Visando traçar um breve perfil dos entrevistados, apresentaremos a seguir alguns dados sociológicos básicos dos integrantes deste grupo. Foram entrevistados nove (09) professores, dos quais sete (07) são mulheres, com idades variando entre trinta e nove (39) e setenta anos (70) anos, havendo uma maior concentração no intervalo entre quarenta (40) e cinquenta (50) anos. Quanto ao nível sócio-econômico, quase todos declararam-se pertencentes à classe média e residem em bairros situados na zona sul do Rio de Janeiro, considerada área nobre da cidade. São, em sua maioria, casados e com filhos. No que se refere à titulação acadêmica, todos têm doutorado, três deles em universidades estrangeiras e dois fizeram pós-doutorado fora do país. Seis (06) deles fizeram sua graduação nesta mesma universidade onde hoje são professores. Vale dizer que são todos professores de tempo integral e dão aulas tanto para a graduação quanto para a pós-graduação, com exceção de uma professora (Helena), que é só da graduação. Eles pertencem a diferentes áreas do conhecimento: Matemática (Jorge, 48 anos), Serviço Social (Carmem, 70 anos), Artes e Design (Rubens, 44 anos), Física (Miriam, 54 anos), Psicologia (Cíntia, idade não declarada), Educação (Beatriz, 50 anos), Filosofia (Helena, 39 anos), Letras (Joana, idade não declarada), e História (Paula, 49 anos). Possuem gostos culturais e formas de lazer diversificadas como: literatura, cinema, bares para encontrar amigos, caminhadas, cultivar plantas, freqüentar sebos etc. O gosto pela leitura e pelos livros aparece em todos os relatos. Quase todos fizeram referência às suas bibliotecas particulares compostas tanto por obras científicas, ligadas ao trabalho, quanto por leituras de fruição, como romances e os clássicos.

DO IMPRESSO AO VIRTUAL: VIAGENS DA ESCRITA

A longa história da escrita com suas mutações de técnicas de execução, utensílios e suportes desde os mais antigos como pedras, argila, papiros, pergaminhos, códex, etc. até chegar ao papel não podem ser reduzidas a simples mudanças técnicas. Elas são, de fato, importantes transformações sociais. Cada mudança ocorrida nos espaços de escrita traz consigo novos gestos, práticas, funções e significados para os atos de escrever e ler.

Uma das grandes transformações ocorridas no mundo da escrita foi a invenção da imprensa por Gutenberg, por volta de 1440. Esta nova tecnologia trouxe grandes impactos para a sociedade e embora a ruptura com a cultura do manuscrito não tenha sido absoluta, uma vez que algumas continuidades tenham sido preservadas, como a manutenção do formato códex, por exemplo, (CHARTIER, 1998), ela inaugurou novos modos de se relacionar com os escritos. Até então os textos eram manuscritos e raros. A fabricação de um livro era considerada a grande obra de um rei, os livros eram peças únicas. Esta nova técnica, a imprensa, baseada nos tipos móveis e na prensa,

transformou por completo a cultura escrita. Entre seus efeitos ocorreu um aumento da produção de livros e um barateamento do seu custo, o tempo de reprodução dos escritos também foi reduzido, graças ao trabalho da oficina tipográfica. O saber tornava-se, desta forma, mais acessível. A apropriação desta nova tecnologia e suas novas modalidades de uso, por parte dos indivíduos da época, não se deu de maneira igualitária, no entanto. As competências para lidar com o impresso eram diferenciadas, uma vez que, grande parte da sociedade era analfabeta e não tinha qualquer familiaridade com a leitura e a escrita. Sem dúvida, esta limitação inicial foi progressivamente diminuindo, pois a própria circulação dos textos tipográficos favoreceu a alfabetização destes indivíduos.

A invenção da imprensa instaurou um novo tipo de relação pessoal com o texto lido ou escrito, favorecendo o recolhimento individual, longe dos controles do grupo, assim como de novas técnicas de apreensão dos textos. Tratava-se de “uma relação não estabelecida através do ouvido, mas através da vista, na qual o texto, enquanto objeto, posicionava para sempre o saber num espaço determinado” (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 35). Verifica-se, aqui, a transformação da noção de texto como algo *visível*, e não *audível*. No quadro mais amplo inauguram-se novas devoções modificando a relação dos homens com o divino, assim como com os poderes e o Estado.

A revolução industrial e as mudanças sociais e políticas acontecidas no início do século XIX acarretaram transformações profundas no âmbito das comunicações e da cultura escrita.

Hoje, século XXI, vivemos uma nova revolução na história da cultura escrita: a chamada Revolução Digital.

Para o historiador Roger Chartier (1998), a revolução do texto eletrônico é, conjuntamente, uma revolução da técnica de produção e de reprodução de textos, uma revolução do veículo da escrita e uma revolução das práticas de leitura, daí a sua diferença em relação às mudanças anteriores.

O campo tecnológico permitiu o nascimento e a expansão de novas mídias que não apenas fornecem um novo suporte para a escrita, mas também instauram novas maneiras de pensar. A tecnologia dos computadores pessoais, cada vez mais numerosos, vem desenvolvendo novas linguagens, estratégias e possibilidades, transformando os contextos em que se escreve e o que se escreve, ou seja “*tanto la naturaleza del acto de escribir como la escritura y la lectura*” (VIÑAO FRAGO, 1999, p. 347). Através das telas dos computadores temos uma gama imensa de escritas e suas variadas funções: documentária, epistolar, literária, didática etc. A comunicação eletrônica dá aos textos uma maleabilidade e uma abertura desconhecidas anteriormente. A escrita na tela é polifônica, hipertextual, um processo ininterrupto e coletivo. A figura do leitor, muitas vezes confunde-se com a do autor, na medida em que a escrita eletrônica permite que aquele que lê, interfira diretamente no texto, faça deslocamentos, recortes e transformações na própria tela. Além disso, os textos flutuam neste espaço livre, o ciberespaço e quem é e onde está o autor? Esta questão da autoria na rede vem sendo objeto de preocupação para muitos estudiosos do assunto, uma vez que o apagamento desta figura, o autor, “confunde as categorias jurídicas como propriedade literária, direitos autorais” (CHARTIER, 2003). O sociólogo Zygmunt Bauman (1998) é um dos teóricos que analisa estas novas tecnologias inseridas num mundo em constante e aceleradas mudanças econômicas, culturais e do cotidiano, o mundo da pós-modernidade. Em uma de suas falas relativas à autoria na rede Internet ele diz: “A escrita em computador extinguiu a outrora sagrada idéia da ‘versão original’”. E mais:

Os direitos de propriedade e reivindicações autorais perdem muito do seu sentido depois que a informação foi liberada para se movimentar e se multiplicar, como se por sua livre vontade e seu momento, na terra de ninguém do “espaço cibernético. (id., p. 201)

A cultura escrita eletrônico-digital possui peculiaridades como a fragmentação, a hipertextualidade, a descontinuidade, a agilidade e também efeitos próprios. Estes influenciam em todas as categorias e práticas que até então comandavam nossa relação com a escrita. Parece ser importante entender estas mutações, sem esquecer, no entanto, que uma prática nova não extingue automática e necessariamente práticas antigas. Elas, muitas vezes, coexistem por bastante tempo, nem sempre em harmonia.

A LEITURA E A ESCRITA DOS PROFESSORES: ENTRE ANTIGAS E NOVAS PRÁTICAS

Como os professores vêm lidando com estas transformações da escrita/leitura? Quais as representações e práticas a respeito desta “nova escrita”? Quais os usos do computador e da Internet no contexto universitário? Como e em quais ocasiões eles praticam a escrita a mão? Quais os significados destas escritas?

Partindo agora para o depoimento dos professores entrevistados, tentaremos discutir as questões que se apresentam.

Sabendo ser sempre importante relacionar os discursos proferidos com o “lugar” de onde eles partem, lembramos que o grupo estudado tem uma peculiaridade que, de imediato, fica evidente, trata-se de pessoas com alta competência para a prática de leitura e da escrita, uma vez que tais fazeres (ler e escrever) são parte inerente e substancial da profissão de professor.

No âmbito desta comunidade de leitores, partilham saberes e habilidades, gostos, preferências e hábitos relacionados à cultura da escrita e da leitura. Isto posto, não significa dizer que suas práticas sejam idênticas, pois cada um, a partir de suas próprias referências individuais, sociais, históricas e existenciais, dá um sentido próprio ao que lê e ao que escreve, mais ou menos singular, mais ou menos partilhado.

Uma primeira observação a ser feita é que a maioria dos entrevistados pratica a escrita à mão com regularidade e também faz uso da escrita digital nas suas atividades diárias. Percebe-se que uma prática não exclui a outra, variando apenas a frequência de uso de um ou outro suporte.

No depoimento a seguir, o único professor que diz praticamente não escrever mais à mão é Rubens (nome fictício, assim como dos outros). Ele relata sua preferência pela escrita eletrônica mas, ao mesmo tempo, analisa criticamente o aspecto material do objeto computador:

A nossa geração aprendeu a ler em papel, essa é a verdade. Eu não escrevo mais em papel há muito tempo, só faço rabiscos. Escrevo em computador. Até porque mexo muito com números e, hoje em dia, até um bilhete, eu faço tudo na tela. Perde-se a lógica.

Quando Rubens diz “perde-se a lógica”, está se referindo, provavelmente, às novas operações intelectuais que são necessárias neste novo suporte, a tela. Vale lembrar que para R. Chartier (2001, p. 28), está posta uma diferenciação entre uma lógica mais linear, seqüencial e dedutiva, relacionada aos manuscritos e impressos e outra que se desdobra de forma simultânea e relacional, própria do mundo digital.

Há que se pensar, ainda, que nos manuscritos e impressos é possível a variação da forma do objeto para distintas classes de textos, em oposição ao suporte eletrônico, onde diferentes categorias de textos são dados à leitura num formato único, a tela do computador. Isto, sem dúvida, implica em uma nova maneira de construir os significados dos textos. Saímos da materialidade do livro,

com seus limites fixados e estabelecidos, para a “imaterialidade de textos sem lugar específico” (CHARTIER, 1994, p. 101).

Esta nova leitura implica, ainda, em novos usos do corpo, novos gestos e posturas que são tidas como desconfortáveis, uma vez que limitam os movimentos de quem lê e escreve. Rubens e Carmem criticam o objeto computador no seu aspecto material e físico. Para ela, a luz da tela incomoda os olhos. Para ele, estas “máquinas” ainda são pouco confortáveis e necessitam ser aperfeiçoadas. “É muito ruim um computador só naquela posição. Eu acho que ninguém gosta muito de ler em tela”. Apesar da crítica ele acena para uma melhoria neste aspecto: “Daqui há dois, três anos, você vai ter um *laptop* maleável. O “*e-book*”. Assim, segundo ele, as gerações mais jovens vão gostar ainda mais de ler na tela, pois o formato e as características físicas do objeto serão mais confortáveis para o usuário.

Sem dúvida, entre o suporte em papel (livros, cadernos, etc.) e o aparelho computador (mesmo portátil), verifica-se duas relações entre o corpo do leitor e o texto a ser lido/escrito bem diferentes. De um lado, o formato em livro, caderno, etc, parece mais amigável para se transportar e se abre mais facilmente à leitura, do outro, o peso do aparelho a mediação do teclado condiciona novos gestos e posturas para a leitura e a escrita.

Conforme os depoimentos dos professores, a escrita digital faz parte das práticas cotidianas de quase todos eles. Podemos então questionar: O que é que se escreve à mão? O que se escreve no computador? Quais os usos e funções destas escritas? O que as caracteriza e as diferencia?

Uma primeira constatação é que o *e-mail*, a correspondência eletrônica na rede Internet, é o tipo de vídeoescritura mais utilizado pelos professores. A troca de mensagens é um hábito regular e bem aceito por eles. Esta forma de comunicação escrita é intensa entre a comunidade de professores, e entre estes e os alunos, não somente da mesma universidade como as de fora do estado e do país. Um contato frequente e de um alcance, sem dúvida, impensáveis antes do advento da comunicação eletrônica na rede. O teor destas mensagens é, geralmente, relativo ao trabalho: são troca de informações, avisos sobre cursos, lista de exercícios, datas de eventos, convites para palestras etc. A comunicação digital, por sua vez, apresenta características peculiares ao meio eletrônico. A mais evidente é a sua concisão e objetividade. Os usuários da rede sabem que a regra é não se estender demais na mensagem. É a “netiqueta” (a etiqueta a ser observada pelos usuários da rede) como diz uma estudiosa do assunto, Nicolaci-da-Costa (1998). O estilo desta forma de escrita, também tem características próprias. Ele prevê certas convenções como: deve-se evitar usar acentos, cedilha e til (devido à compatibilidade de programas usados); usam-se abreviações do tipo **vc** (você), **bjs** (beijos) etc; quando se quer enfatizar uma palavra, deve-se colocá-la entre asteriscos (*exemplo*); uma palavra escrita em letras maiúsculas significa que a pessoa está GRITANDO. A regra básica, contudo, é mesmo escrever pouco. Sobre isto escreve Nicolaci-da-Costa (id., p. 178):

Esta é a regra básica da comunicação via Internet e nada faz supor que venha a sofrer transformações. Vale para os chats e vale para o e-mail. Tudo deve ser rápido, objetivo e econômico. Não há tempo a perder porque não há tempo para fazer tudo o que se quer porque se quer sempre mais do que se pode. Objetividade e precisão são, portanto, necessárias.

Esta objetividade e rapidez com que as mensagens circulam entre a comunidade acadêmica é um dos pontos considerados como positivos uma vez que liberam os professores para outras atividades. Há, no entanto, tensões neste aspecto, uma vez que, mesmo facilitando o cumprimento das tarefas, também veicula novas demandas que chegam na tela. Segundo Beatriz, “em cada e-mail

você tem uma demanda de trabalho. É uma entrevista que te pedem por e-mail, é sugestão de bibliografia, é um encontro para atender". Por sua vez, a rapidez da mensagem eletrônica leva às escritas abreviadas que, para Carmem, são formas inexplicáveis de escrever, *"é uma agressão à língua"*. Para muitos usuários da rede, principalmente os mais jovens, a escrita digital deve ser ágil, acompanhar a rapidez do pensamento, por este motivo abrevia-se. Até que ponto este tipo de escrita prejudicaria a língua oficial padrão? Esta é uma questão que vem sendo alvo de vários estudos a respeito, com toda a polêmica que a envolve. Não iremos aprofundar tal assunto aqui, mencionaremos, apenas, que entre os professores entrevistados, esta forma de escrita não é utilizada, mesmo entre os usuários mais assíduos da rede.

A cultura digital impõe novos ritmos. É a cultura da rapidez, da velocidade. Relacionados à essa questão do tempo, praticamente todos os entrevistados fizeram menção ao pouco tempo que têm para dedicar-se mais às leituras, para escrever, para preparar uma boa aula. É como se esse tempo fosse um bem precioso e raro. Parece-nos que tentar entender leitura e escrita no momento atual, é considerar além das transformações do suporte que as materializa, também a influência da aceleração dos ritmos modernos de vida que, por sua vez, esta intimamente relacionado à criação destas novas tecnologias. Esta aceleração contínua provoca mudanças não só nos valores dos indivíduos bem como nos seus padrões de comportamento.

Helena, professora de Filosofia, diz que entrega os seus trabalhos quase sempre no último dia, pois não gosta de se sentir pressionada. Para ela não interessa a quantidade, mas a qualidade da mesma. *"Eu leio com muita calma. Tenho uma coisa com o tempo assim, eu não deixo ninguém me apressar"*.

Cíntia gosta de escrever a mão, escreve muito, tem vários livros publicados. Ultimamente por uma questão de saúde vem reduzindo seu ritmo. *"Eu me obrigo a descansar, porque durante muitos anos eu escrevia o fim de semana inteiro. O máximo que faço agora é ler alguma coisa."*

Rubens sonha em ter um tempo livre para ler os livros recém publicados da sua área que comprou, mas teve que deixar esperando na estante. Ele, no entanto, lê muito na tela, uma vez que alguns trabalhos do Design, só estão disponíveis na versão *on line*.

Quando se pensa no ritmo frenético assumido pela sociedade contemporânea o tempo parece ser uma exigência da qual ninguém consegue escapar. Por outro lado, "o tempo não existe em si" conforme diz N. Elias (1998). Ele é um símbolo social, "resultado de um longo processo de aprendizagem e que se desenvolveu em relação a determinadas intenções e tarefas específicas dos homens" (id., p. 15).

Nos usos deste tempo para ler e escrever, os professores organizam-se de modo diferencial a partir de suas necessidades, seus gostos e suas habilidades. Ao utilizarem as formas mais tradicionais de escrita e leitura, assim como a nova escrita eletrônica, eles tentam simultaneamente, otimizar este tempo e manter a qualidade do seu trabalho. É preciso enfatizar que o uso da escrita na tela não se reduz ao envio de mensagens. Ainda que este seja o uso mais freqüente, vários professores disseram escrever diretamente na tela ao preparar seus trabalhos, mesmo que antes, tenham feito um rascunho ou um pequeno esquema do mesmo, à mão. Por que é necessário este esquema prévio no papel? O que se escreve diretamente na tela e o que precisa de um ensaio manuscrito? Quando é necessário o rascunho à mão? São as questões que tentaremos discutir agora. Como dissemos anteriormente, o manuscrito é utilizado com muita freqüência neste grupo de professores. Pelos depoimentos percebe-se que é uma prática fundamental na execução de trabalhos onde há necessidade de uma maior elaboração intelectual. As primeiras idéias, o início do processo criativo, parece surgir

melhor no papel. Vários dos entrevistados disseram fazer um manuscrito prévio com esquemas e notas para só aí, então, partir para a escrita no computador. A fala da professora Helena é bem significativa neste aspecto da criação manuscrita do texto:

Eu sempre gostei de escrever, mas, quando eu entrei para a universidade eu não escrevia bem. Eu fui escrevendo conforme eu fui pensando, e fui elaborando e fui, também, exercitando. É um exercício. Gosto muito de escrever. (...) Então a escrita filosófica é arte para mim. (...) Eu vejo como uma pequena obra literária. Então eu tenho cuidado com as palavras, eu passo horas pensando onde vai ficar a vírgula, e horas... (...) Eu até gostaria de ser mais pragmática, de sentar no computador e escrever como se eu estivesse fazendo um relatório. Mas não. Eu tenho que deixar aquela idéia fervilhar dentro de mim, a minha bochecha ficar corada, eu ficar toda emocionada, aí eu vou lá e escrevo. (Helena, 39 anos, Depto. de Filosofia)

Para a professora Helena o processo criativo se dá através da escrita à mão. O computador é bem vindo, mas numa etapa posterior, para os ajustes finais do texto. No depoimento abaixo isto fica mais claro:

Gosto (do computador). Mas todos os meus trabalhos eu escrevo primeiro à mão, em papel especial, com o mesmo papel da papelaria União, que é mais grosso, e uma lapiseira 0.7. É macio. Aí eu escrevo primeiro o copião – que eu chamo de copião (...) aí depois eu passo para o computador. Eu acho o computador maravilhoso, porque ajuda muito. É bom ficar burilando (...). Você vai polindo o texto, vai polindo... (idem)

A escrita na tela parece, muitas vezes, estar associada à frieza, ao pragmatismo e à funcionalidade, sem envolver qualquer componente emocional para a sua execução. Ao contrário, a escrita à mão é a que melhor expressaria o envolvimento afetivo daquele que escreve.

Para o trabalho de direção eu uso muito o computador. Agora, a aula, aula é o meu coração... é aquilo em que estou envolvida totalmente. (...) Eu tenho coleções de cadernos assim, de aula, à mão, entendeu? Tem algumas que eu faço no computador mas, eu acho... eu não gosto. Eu tenho aulas preparadas no computador, mas eu acho muito impessoal, eu não gosto. Eu tenho meus caderninhos que eu faço assim, minhas aulas ali. (Paula, 49 anos, Depto. de História)

Pelos relatos acima podemos perceber que a escrita digital e a escrita à mão apresentam, muitas vezes, usos e funções diferenciados. Vimos que para a comunicação rápida e objetiva, a escrita eletrônica, através dos *e-mails*, é um recurso amplamente utilizado. Para construções teóricas mais elaboradas, no entanto, como a construção de um texto, um artigo, muitos professores utilizam-se de um rascunho prévio feito à mão. Em alguns casos, o manuscrito nem passa para o suporte eletrônico, como algumas aulas, por exemplo. Por que isto ocorre? Será uma dificuldade de lidar com o novo? Será um apego às práticas familiares e interiorizadas? Sabemos que o computador oferece possibilidades antes impensáveis na confecção de um texto. Pode-se colar, transferir, copiar, mover trechos de um local para outro, etc, ainda assim, para muitos, este não é o recurso preferido. Conforme Chartier (1998), a revolução do texto eletrônico é tanto uma revolução das estruturas do suporte material do escrito como das maneiras de ler e de escrever. Estas mudanças comandam, inevitavelmente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito e novas técnicas intelectuais. Aqui parece estar apontada uma das possíveis respostas para a questão: novas técnicas intelectuais que precisam ser apreendidas. Para esta geração que só foi ter contato com a escrita digital quando adultos, talvez não seja fácil a-

prender novas técnicas e, ao mesmo tempo, desvencilhar-se de antigos hábitos intelectuais de escrita e de leitura. Contudo, continuando o raciocínio, podemos também pensar que não se trata somente da dificuldade de aprender novos hábitos intelectuais. Abrir mão de antigas práticas quando estas foram prazerosas, como o cheiro do livro novo e o lápis macio, por exemplo, pode não ser tarefa das mais fáceis. Parece que este componente, o prazer de escrever à mão, também precisa ser levado em conta, é mesmo uma relação física e estética com o suporte papel.

Em relação à leitura e fazendo o contraponto entre ler na tela do computador e ler no suporte papel, principalmente quando este suporte é o livro, percebemos que a preferência dos professores recai sobre este último. Os entrevistados foram unânimes ao afirmar que preferem ler no livro.

Segundo os depoimentos, ler na tela, quando o texto é longo, quase sempre é uma tarefa desagradável e cansativa, por motivos como: o cansaço do corpo que não pode variar muito de posição, obrigando o leitor a permanecer sentado; a luz da tela que incomoda os olhos; a impossibilidade de levar o computador (excetuando-se o laptop) para todos os lugares e a “frieza” do próprio aparelho que, pelo formato, não seria o suporte mais adequado para determinados tipos de leitura como um romance ou os clássicos da literatura, por exemplo.

Por sua vez, o livro é um objeto querido e apreciado pela sua praticidade e facilidade de manuseio, permitindo leituras mais livres. Os professores disseram gostar da forma física do objeto, do cheiro da tinta, do toque do papel e do fato de poder mantê-lo confortavelmente entre as mãos. Pelos relatos percebe-se que esta é uma comunidade de leitores que pratica a leitura tanto por necessidades profissionais quanto por gosto e prazer, e o livro é o objeto privilegiado principalmente quando estas leituras envolvem o prazer e a fruição.

Isto posto, não significa dizer que leituras mais longas em frente à tela não sejam realizadas. Lembramos que há descontinuidades e heterogeneidades no interior do grupo. Embora prefiram o livro como suporte, vários professores disseram utilizar o computador para ler textos de alunos ou textos de autores cujos trabalhos estão disponibilizados na rede, etc, leituras estas, que demandam, algumas vezes, horas em frente à tela. Para estes, tal atividade não representa esforço adicional, ao contrário, é um hábito já incorporado à rotina de trabalho. Para outros, no entanto, um texto longo na tela torna-se cansativo e desconfortável. Beatriz prefere utilizar a tela mais para leituras de mensagens. “*Se vem alguma coisa para ler, eu logo imprimo*” diz. Imprimir os textos que aparecem na tela para, aí sim, começar a ler é uma prática comum para alguns deles. Carmem, em seu relato, diz que o objeto livro é fonte de prazer, gosta de ter o livro na mão, do encadernamento, do tipo de impressão etc. Para ela, a leitura com prazer precisa de disponibilidade e de um tempo de entrega: “*Você lê, às vezes, põe o dedo assim e fecha um pouco o livro, deixa a cabeça ir embora, entende?*”. A tela é pouco utilizada por ela. A luz incomoda os olhos e não se sente confortável. Segundo Chartier (1994), as formas materiais nas quais os discursos são dados a ler comandam sentidos e impõem gestos atrelados a esta materialidade que, dentro de uma mesma “comunidade de leitores”, podem ser diferenciados.

Conforme o autor “mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais.” (id., p. 8). Daí a importância de estar atento aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito, nos vários objetos que lhe servem de suporte.

Podemos crer então, que a preferência pela leitura no livro está relacionada à materialidade do objeto e à maneira como os textos são dados à ler neste tipo de suporte. Podemos dizer, sem dúvida, que ao abrir e folhear um livro, tocar suas páginas, aparentemente gestos simples e banais,

estamos acionando mecanismos e categorias mentais que desde séculos atrás, comandam nossa relação com a escrita. Sabemos onde começa e termina um livro, podemos ver a quantidade de páginas, o tipo de papel, a capa, a lombada etc. Tudo isto implica em uma percepção total da obra que se lê, conferindo-lhe identidade e coerência. A professora Beatriz expressa isto quando diz preferir trabalhar com o livro, pois o mesmo tem início, meio e fim. *“Eu acho que facilita, integra, dá uma sintonia, uma tranquilidade maior. As pessoas sabem que é aquele livro”*. Por outro lado, a leitura na tela do computador, implica novas categorias de apreensão do escrito, além de novos gestos e novas práticas, que só apareceram a partir dos anos 80, com a chegada dos computadores pessoais.

Segundo os relatos, praticamente todos os entrevistados mencionam suas bibliotecas particulares com orgulho e satisfação. Falam da grande quantidade de livros que acumularam ao longo do tempo, do prazer de ter o livro.

Eu adoro livro, também sou muito romântica com relação a isso quando eu pego o papel do livro, eu sinto a textura do papel, eu gosto da capa, eu gosto de um livro que tenha uma bela capa, gosto de um livro elegante, eu gosto de uma letra boa. Incomoda-me ler um livro que está mal diagramado. Eu sou uma bibliófila (...) Eu acho que, inclusive como professora, eu falo isso para os alunos. Eu não chego só na minha sala e falo: “Walter Benjamin disse tal coisa”. Não, eu chego: “Gente, olha aqui, a filosofia exige amor ao livro, olha como é bonito... (Prof^a. Helena, 39 anos, Depto. de Filosofia)

De acordo com as falas, parece que o gosto pelo livro também envolve uma questão relacionada à estética do objeto. Se pensarmos na materialidade destes dois suportes, podemos perceber que são poucas as variações permitidas quando se trata do aparelho computador, uma vez que o formato da máquina é, geralmente, padronizado. Por sua vez, o suporte livro permite inúmeras variações e combinações de cores, formas, tamanhos etc. Isto, sem dúvida, é um atrativo que afeta os olhos e os sentidos do leitor, influenciando seu gosto e preferência. Desta forma, vejamos mais uma fala da Professora Helena:

Todos os livros que tem na estante foram comprados um por um. Esta estante é a minha cabeça. Eu sei onde está cada um dos livros. Cada momento da minha vida, aquele livro e tal. Cada livro é um livro. Eu me lembro de todos os livros que estão na biblioteca pela forma deles, pela cor deles. Parece um monte de frutas: uma amarela, outra verde... Eu vejo desta maneira. (idem)

Além dos aspectos estéticos ligados à materialidade do objeto, a preferência pelo livro parece estar relacionada também ao processo de socialização primária destes indivíduos. Em vários depoimentos aparece a leitura e o amor pelos livros como gosto adquirido desde a infância, quase sempre sob a influência dos pais ou de outros membros da família como avós, tios etc.:

Acho que eu comecei muito cedo. Uma família de leitores, muito grande. Minha mãe sempre foi leitora. Então leio desde muito pequena (...) Sempre gostei muito de ler, tenho livros. Então, assim por exemplo, 15 anos, o que meu avô me deu? Livros, porque eu pedia. Tem uma coisa muito forte, sempre gostei muito de ler. Livro é uma coisa! (Prof^a. Beatriz, 50 anos, Depto. de Educação)

Num outro relato, a professora Mírian relembra sua época de infância e da iniciação na atividade leitora:

Foi em casa, com mãe e pai. Eles sempre leram muito. Eu comecei a ler cedo. Quando criança lia muito. Era uma atividade assim, em geral, da família. Á noite, a gente lia muito à noite (...) Foi mi-

nha mãe quem me ensinou a ler. (...) Eu usava muito a biblioteca do meu pai e da minha mãe. Meu pai é que comprava mais livros. Ele lia muito os clássicos, lia muito. (Prof^a Mírian, 54 anos, Depto de Física)

Se pensarmos que os primeiros computadores pessoais só começaram a aparecer há aproximadamente vinte anos atrás, podemos entender que a socialização primária destes professores, na leitura e na escrita, não se deu, obviamente, neste tipo de suporte, e sim, no livro. Este fato pode explicar a preferência por este suporte. Para a geração que já nasceu na era da escrita eletrônica, talvez o objeto livro já não tenha o significado que tem para o grupo de professores entrevistados, e o computador seja o suporte preferido.

Como em todos os períodos de mudanças na história da escrita, hábitos antigos tendem a perdurar juntamente com os novos que vão sendo adquiridos. Ao tentarmos entender os mecanismos e efeitos da nova escrita, não devemos ficar nem com as “lamentações nostálgicas” nem com os “entusiasmos ingênuos” como bem diz Chartier. Interessa entender estas transformações e como ela afeta o mundo da escrita e da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação*, Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.
- DAUSTER, Tania. Os universitários: modos de vida, práticas leitoras e memória. In *Teias, Conhecimento, sociedade, Educação*, ano 2, n. 4, Julho/Dez 2001. Faculdade de Educação/UERJ.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Na malha da rede: os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. *Leer y escribir: história de dos práticas culturales*. México: Educacion, Vocês e Vuelos, iap, 1999.
- _____. Antonio. Del periódico a Internet. Leer e Escribir em Los Siglos XIX y XX. In: CASTILLO GOMEZ, Antonio (coord.). *História de la cultura escrita: de próximo Oriente Antiguo a la sociedade informatizada*. Gijón, 2001.

ABSTRACT

The so-called Digital Revolution has developed new languages, strategies and possibilities which have been changing the reading history in a radical way. It is in this context, the proposal of this work is posed: to verify the uses, representations and practices of writing and reading of university professors employing different supports. It will discuss questions such as: What are the writings of these professors? What are they using for their writings? How are they dealing with these changes? What do they read and write employing the distinctive supports? Analyzing the answers, we realized that most of them use the manuscript way regularly, and also use the digital writing on their professional activities. There are, however, differences concerning the uses and functions of both writings. We have observed that emails are regularly preferred for objective and fast contacts. However, for more elaborated theoretical constructions, such as the writing of a paper, most of the interviewees prefer to make their drafts by hand. How does this occur? We work with the hypothesis that this is a result of the necessity of learning new technologies in order to deal with the new support, as well as the attachment to old and pleasant writing practices already acquired.

Keywords: reading, writing, digital platform.